

Carta pedagógica: um diálogo freiriano em tempos de pandemia e desgovernos

Teaching letter: a dialogue freirian teaching in times of pandemic and disgovernment

Greicy Gadler Lang*

Leonel Piovezana**

Luciana Fatima Narcizo***

Palavras chave:
Didática freiriana
Diálogo
Pedagogia freiriana

Resumo: O objetivo deste ensaio é (re)viver a pedagogia e didática freiriana no atual contexto de pandemia COVID-19. Chamar a atenção para esse desgoverno, ressignificando a educação para superação dos problemas políticos, econômicos, sociais e humanitários, agravados em 2020/2021 pelo coronavírus, uma crise compartilhada entre dor e corrupção. Como metodologia, nos pautamos no processo dialógico de uma carta pedagógica que se torna nossa inspiração e porta-voz, tendo em vista que nos sentimos exiladas no distanciamento social necessário para evitar a propagação do vírus. A exemplo de Freire que no seu exílio encontrou formas de comunicar-se para além da palavra dita, usamos da palavra escrita como ferramenta de uma rebeldia saudável, da qual nós, educadores, tanto lutamos. Consideramos que não podemos nos fechar para os problemas, mas pensar em alternativas e soluções para nossa sociedade. Entendemos ainda que, por meio do legado de Freire, possibilitaremos reflexões que ajudarão romper com essas formas de governos (ou desgovernos) com ações para a transformação solidária e democrática, construída na multiculturalidade da educação.

Keywords:
Freirian didactics
Dialogue
Pedagogical Letter

Abstract: The aim of this essay is to (re)live the Freirian pedagogy and didactics in the current context of the COVID-19 pandemic. Draw attention to this misgovernance, redefining education to overcome political, economic, social and humanitarian problems, aggravated in 2020/2021 by the coronavirus, a shared crisis between pain and corruption. As a methodology, we are guided by the dialogic process of a pedagogical letter that becomes our inspiration and spokesperson, considering that we feel exiled in the social distance necessary to prevent the spread of the virus. Like Freire, who in his exile found ways to communicate beyond the spoken word, we use the written word as a tool for a healthy rebellion, which we educators struggle with so much. We believe that we cannot close ourselves off from problems, but think about alternatives and solutions for our society. We also understand that, through Freire's legacy, we will enable reflections that will help to break these forms of government (or misgovernment) with actions for solidary and democratic transformation, built on the multiculturalism of education.

Recebido em 17 de abril de 2021. Aprovado em 13 de outubro de 2021.

* Mestra em Educação pela Universidade Comunitária Regional da Região de Chapecó - Unochapecó. Possui Especialização em Educação Matemática (2004) e Graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Unochapecó (2003). Bolsista Capes dedicação exclusiva. E-mail: greicygadler@yahoo.com.br.

** Doutor em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Especialista em História e Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Graduado em História e Estudos Sociais pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Palmas. Professor titular da Universidade Comunitária da região de Chapecó do Programa de Mestrado em Educação da Unochapecó. E-mail: leonel@unochapeco.edu.br.

*** Mestra em Educação pela Universidade Comunitária Regional da Região de Chapecó (Unochapecó). Possui Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Associação Educacional Leonardo Da Vinci - Uniasselvi (2019). Graduação em Letras - Português e Inglês e respectivas literaturas pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Bolsista FUMDES/UNIEDU. E-mail: lucy_narcizoo12@unochapeco.edu.br.

Introdução

Dissertar sobre Paulo Freire se tornou uma prática indispensável em meio aos profissionais da educação, no entanto, fazer uso da palavra de forma fecunda ao que se refere, não é tarefa fácil. Freire é um dos nomes mais respeitados para o embasamento teórico de pesquisas relacionadas à pedagogia dialógica, de abordagem metodológica antiopressiva e não-autoritária para a emancipação social, crítica, democrática e transformadora dos educandos e das educandas. No Brasil, dada a atual situação política e histórica do país, consideramos ser pertinente a aproximação das pesquisas com o seu método. Entendemos a construção do conhecimento como uma atividade humana, determinada cultura e socialmente pelo contexto em que são realizadas, com aspectos, portanto, antropológicos, sociológicos e políticos, indispensáveis nas práticas educativas das pesquisas em educação. Conforme Brandão e Fagundes (2016), mais do que lembrar a experiência de Freire cabe reinventá-la, tomando-a como inspiração para enfrentarmos a supressão dos direitos, da violência contra diferentes culturas e aos que a reproduzem.

Nesse sentido, Freire entende que a educação precisa ir muito além de ensinar pessoas a ler palavras, deve sim ensinar a ler criticamente o seu mundo. Sua metodologia não se trata de estender ao oprimido os padrões e ideologias do opressor, mas parte de um diálogo igualitário que possibilite meios de autotransformação de pessoas, grupos sociais e movimentos populares construtores, gestores de sua autonomia e também em um processo de ruptura da hegemonia burguesa e transformação da sociedade.

O sistema freiriano de educação baseia-se em uma educação para a decisão dialógica e ativa, voltada para a responsabilidade social e política por meio das interpretações dos problemas. Essa proposta educativa funda-se na construção da consciência crítica, construída na ação e reflexão. Sua proposta epistemológica sustenta a construção de um sistema de educação que privilegia a formação do sujeito na sua dimensão humana de ser social.

Conforme Ribeiro e Melo (2019), o pensamento que está enraizado em matrizes coloniais e eurocêntricas, se constituindo enquanto conhecimento hegemônico no contexto da América

Latina, promove uma educação que ocorre de forma vertical, o que nas palavras de Freire é apresentado pelos autores como educação bancária. Nesse formato de produção do conhecimento, há a supremacia da cultura europeia e de seus modos de ser e pensar sob os povos que foram colonizados sendo que estes são violentados nesta lógica opressora, discriminizadora e capitalista. Para os autores, podemos avançar nas discussões acerca de um pensamento decolonial, tendo como inspiração o movimento de educação popular trazido por Freire desde 1960, onde grupos populares têm a possibilidade de democratizar seus conhecimentos e construir, no diálogo, novas reflexões.

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 2001, p. 115).

De acordo com Freire, esse estado dialógico se mostra como instrumento importantíssimo e indispensável neste processo. É por meio dele que se faz a efetivação de uma educação pautada na horizontalidade, onde todos tenham seu espaço de fala, e mais do que isso, pronunciem suas visões de mundo por meio da palavra que possui valor, sendo considerada parte constitutiva do processo epistêmico do conhecimento. Um conhecimento local, identitário, democrático e coletivo.

Freire entre legados/lições que nos deixou, a exemplo da simplicidade, também nos ensinou e ainda nos ensina sobre esperança, autonomia, democracia, amor pelo conhecimento e a necessidade de uma pedagogia revolucionária. Conforme destaca Gadotti, Freire sempre se preocupou e nos encantou “com a sua ternura, sua doçura, seu carisma, sua coerência, seu compromisso, sua seriedade. Suas palavras e suas ações foram palavras e ações de luta por um mundo ‘menos feio, menos malvado, menos desumano’”. (GADOTTI, 1997, p. 06).

Para Sousa Santos (2020), a pandemia do coronavírus é uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que se começou a impor globalmente a partir do século XVII e está hoje a conduzir a humanidade a uma situação de catástrofe ecológica, pois uma das características essenciais deste modelo é a exploração sem limites dos recursos naturais. A extrema-direita tem crescido por todo o mundo, o que para o autor se caracteriza pela pulsão antissistema, a manipulação grosseira dos instrumentos democráticos, incluindo o sistema judicial, o nacionalismo excludente, a xenofobia e o racismo, a apologia do Estado de exceção, o ataque à investigação científica e à liberdade de expressão, a estigmatização dos adversários, o discurso de ódio, o uso das redes sociais para comunicação política em menosprezo dos veículos e mídias convencionais e ainda, acrescentamos, as fake news que desinformam a população.

[...] na presente crise humanitária, os governos de extrema-direita ou de direita neoliberal falharam mais do que os outros na luta contra a pandemia. Ocultaram informação, desprestigiaram a comunidade científica, minimizaram os efeitos potenciais da pandemia, utilizaram a crise humanitária para chicana política. Sob o pretexto de salvar a economia, correram riscos irresponsáveis pelos quais, esperamos, serão responsabilizados. Deram a entender que uma dose de darwinismo social seria benéfica: a eliminação de parte das populações que já não interessam à economia, nem como trabalhadores nem como consumidores, ou seja, populações descartáveis como se a economia pudesse prosperar sobre uma pilha de cadáveres ou de corpos desprovidos de qualquer rendimento. Os exemplos mais marcantes são a Inglaterra, os EUA, o Brasil, a Índia, as Filipinas e a Tailândia. (SOUSA SANTOS, 2020, p. 26).

As pandemias mostram de maneira cruel como o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências. A quarentena provocada pela pandemia é uma quarentena dentro de outra quarentena. Nos últimos quarenta anos vivemos em quarentena política, cultural e ideológica de um capitalismo fechado sobre si próprio e a das discriminações raciais e sexuais. E haverá alternativa para isso? Somente com uma

articulação de viragem epistemológica, cultural e ideológica que sustente as soluções políticas, econômicas e sociais que garantam a continuidade da vida humana digna no planeta, conforme nos aponta Sousa Santos (2020).

Nessa perspectiva, qualquer quarentena é sempre discriminatória e mais difícil para uns grupos sociais do que para outros. Tais grupos compõem o que Boaventura de Sousa Santos (2020) chama de Sul. O Sul não designa um espaço geográfico, mas um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora que o autor usa para o sofrimento humano causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e sexual. Nesses grupos estão, por exemplo, as mulheres, os trabalhadores informais, moradores de rua, refugiados, presos, deficientes, idosos, doentes, etc. A lista dos que estão ao sul da quarentena está longe de ser exaustiva. A quarentena reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento.

O tempo de pandemia também está fazendo com que pensemos de forma urgente uma ressignificação para a educação. Frente a crises sanitárias, políticas e econômicas, muitas mortes, o afastamento e o isolamento social causaram uma desestruturação no sistema regular e presencial de ensino. As principais medidas para se evitar a disseminação do vírus é o uso de máscara, a higienização constante das mãos e dos materiais individuais, o distanciamento social e a quarentena, os quais têm impactado diretamente na vida de todos, especialmente na educação. Desde março de 2020 as atividades escolares presenciais em todos os níveis estão suspensas para evitar a disseminação do vírus e as aulas têm acontecido de forma remota para os alunos cujas escolas conseguiram adaptar-se, o que inclui principalmente as particulares. Frente a todos os problemas que o mundo enfrenta, e que nos países menos desenvolvidos os problemas se agravam ainda mais, nos questionamos: como fazer educação em tempos de pandemia? Como fazer para mantermos um diálogo, uma proximidade e qualidade? Como trabalhar a diversidade e o respeito ao outro por meio da inclusão digital, principalmente se milhares não têm acesso à internet? Infelizmente, a pandemia piorou ainda mais a desigualdade de oportunidades devido às desigualdades econômicas. Ainda não temos

respostas aos nossos questionamentos, mas a reflexão certamente nos coloca na posição de ser social e histórico, pensante e capaz de encontrar uma saída, com isso

[...] assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. (FREIRE, 2016, p. 42).

Conforme Pasini, Carvalho e Almeida (2020), os diálogos educativos nas escolas, a educação durante a pandemia – e no após – estão e estarão circundadas de questões culturais e de saúde. A educação do novo milênio, após a pandemia, deverá estar permeada por estudos que envolverão a cultura numa perspectiva de entrelaçamento cultural. E, ainda, os autores acreditam que a educação deverá ser potencializadora da esperança humana, capaz de auxiliar a modificação de condutas para o bem da sociedade e, além disso, afirmam que a educação colabora para a superação de outras crises.

Conforme Sousa Santos (2020), desde 1980, à medida que o neoliberalismo foi sendo imposto como a versão dominante do capitalismo e este foi se sujeitando cada vez mais à lógica do setor financeiro, o mundo tem vivido uma crise permanente que se transforma na causa que explica todo o resto. A crise é usada para justificar os cortes na educação, saúde, desemprego etc. Ou seja, a crise basicamente serve para justificar a concentração de riqueza e boicotar as medidas eficazes para impedir a iminente catástrofe ecológica. Enquanto as atenções da população e mídias estão focadas na pandemia, alguns grandes proprietários de latifúndios, com influência política, aproveitam para atear fogo, desmatar e tomar posse de terras de reservas.

Nesse período de crises, incertezas, indignações, reflexões e pesquisas, procuramos neste trabalho nos comunicarmos com os leitores por meio de uma carta pedagógica, de forma a provocar uma aproximação mais pessoal e menos formal com o destinatário.

Metodologicamente falando e, de acordo com a Educação Popular, a carta pedagógica representa um projeto emancipador, no sentido de vislumbrar um horizonte de possibilidades para uma sociedade crítica, humanitária e planetária.

Dessa forma, assim como Freire em seu exílio, na época da ditadura militar escreveu cartas pedagógicas, escrevemos hoje de forma isolada também, em nosso distanciamento social, contando com o auxílio das tecnologias que nos aproximam. No entanto, seguimos acreditando em dias e seres humanos melhores e, nesse sentido, utilizamos da carta pedagógica que segue, para redigir em linhas repletas de esperança e otimismo, a certeza de que por meio do diálogo, da troca de saberes e experiências, possamos nos fazer ouvidos e ouvidas enquanto sujeitos, educadores e educadoras pertencentes a uma sociedade que carece de mudança, em que a palavra ressignificação nunca fez tanto sentido quanto nos dias em que vivemos.

Carta pedagógica

Caro amigo Freire,

Escrevemos essa carta sob um céu limpo e ensolarado de um dia que parece comum, com um leve frescor que nos aconchega aos mais íntimos, no conforto das nossas casas e das pessoas que amamos. Diante de tudo que temos vivido nos últimos tempos de pandemia, muitos sentimentos e emoções nos invadem e nos motivam a escrever, mesmo que não seja uma tarefa fácil, ainda mais quando nos propomos a escrever para um amigo de grande estima e admiração.

A amizade tem dessas coisas. Ao mesmo tempo em que a simplicidade e intimidade nos permite falar abertamente, ficamos presos no tempo, na vaga sensação que nunca conseguimos dizer tudo o que gostaríamos ou da forma como gostaríamos. Nesse caso, como bons amigos, aceite nossas desculpas antecipadas se por demasiado tempo dialogarmos ou se ainda parecermos singelos mediante o nosso gesto. Como comentamos, escrever não é tão simples como parece, é de fato uma árdua missão. Um comprometimento que perpassa a tinta da caneta e a folha de papel que, ora está marcada por linhas inteiras de ideias, ora volta

ao seu estado original, devido à complexidade que nos é exigida nesse momento. A complexidade a que nos referimos não é de algo laborioso ou menos prazeroso, mas no sentido que nos encontramos na responsabilidade de sermos ouvidos por ti, amigo Paulo, como os mais íntimos assim o chamam.

Devemos lhe confessar que não sabemos ao certo se deveríamos lhe chamar de amigo, já que só nos encontramos nas páginas dos livros, enquanto criamos diálogos por meio de seus escritos com aquilo que produzimos ao longo de nossas trajetórias, em que vive a nos orientar sobre como nos tornarmos educadores e educadoras que prezam pelo amor no ato de educar e pelo despertar das ideias e de tudo que ocorre em nosso entorno.

No entanto, mesmo sem termos a certeza de uma recíproca amizade estabelecida entre nós, nos sentimos seguros de que ao recordar sua forma de ser e estar no mundo, com sabedoria, simplicidade, generosidade e afeto, como uma pessoa que se importou com o povo e lutou pela efetividade da democracia e emancipação social, sem deixar de lado a amorosidade, esperança e utopia, acreditamos que lhe chamar de amigo não seria um equívoco de nossa parte.

Como bem sabes, escrever uma carta pedagógica é um ato que exige ao remetente uma entrega do início ao fim, afinal, quando elucidamos nossas ideias e sentimentos em meio a tantas palavras costuradas, estamos compartilhando parte de nosso universo e do que nos constitui enquanto seres humanos e educadores.

Como Mário Osório Marques (2001) diz, de maneira simples, escrever e coçar é só começar, e assim é nesse exato momento em que nos encontramos, imersos em um cenário de inúmeras incertezas que nosso corpo e mente hoje produz as linhas que seguem as próximas páginas. Desta forma, queremos lhe dizer que há dias estamos nos preparando para escrever essa carta e, portanto, refletindo muito na nossa condição de seres inacabados em constante processo de construção individual e coletiva. Na consciência do nosso inacabamento buscamos a razão de ser da nossa existência e transcendência. Lutamos para superar nossa atual condição em busca de novos sentidos para a existência.

Mas afinal, o que é refletir? Segundo, Dickmann e Dickmann (2018, p. 6):

Refletir é pensar de forma crítica sobre alguma realidade ou algum objeto. É um ato de autonomia intelectual, exige do sujeito a responsabilidade epistemológica para captar da melhor forma possível a totalidade de aspectos que se manifestam no real. Refletir é um ato de intencionalidade da consciência que quer conhecer o mundo, fazendo do mundo seu objeto cognoscível e é a antecipação da ação transformadora, ato coletivo e emancipador, que projeta a possibilidade da concretude da mudança das pessoas e do mundo.

Assim, sendo, começamos nossa reflexão pelas nossas escolhas: educador e educadoras, em contínuo processo de (re)construção. Pensar sobre a vida humana, em seu sentido histórico e nos porquês de nossa luta diária para construir um futuro implica voltar nosso olhar sobre o processo de humanização que está presente nas relações que estabelecemos com os outros, com o contexto social, com o mundo, com a natureza e com as condições para a criação da existência da humanidade. A partir das leituras de Freire, podemos realmente perceber que enquanto educamos, nos educamos também. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Nosso compromisso não é apenas ensinar os conteúdos, mas assumir o papel de educador(a) democrático(a), de forma que na nossa prática possamos reforçar a capacidade crítica, a curiosidade e a insubmissão do educando. Nosso dever além de tudo é ensinar a pensar certo e ser desafiador. Com trabalho centrado na ética, na estética e rejeição a qualquer forma de discriminação, nossa tentativa está em ajudar o homem a construir-se como um ser de relações, um sujeito que, conforme você identificou, precisa não apenas estar no mundo, mas estar com o mundo. (FREIRE, 2001).

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, os saberes que foram socialmente construídos na prática comunitária. Exigir a rigorosidade científica desprezando esses conhecimentos faz a educação perder todo o sentido, pois ensinar, não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção. Segundo Freire (2015), o professor tem a função de não apenas ensinar os conteúdos, mas

também de ensinar a pensar certo. O professor deve ser desafiador, democrático e crítico de modo que na sua prática reforce a capacidade crítica do educando, sua curiosidade epistemológica e sua insubmissão frente as desigualdades e opressões do mundo.

A prática e a pesquisa nos levaram a reflexão. E concordamos com o amigo Freire, na sua afirmação que ensinar exige a reflexão crítica sobre a prática e é preciso que ela provoque a promoção do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. “A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado”. (FREIRE, 2016, p. 43). Ao ensinar determinado conteúdo o professor deve desafiar o educando para que o mesmo se perceba na e pela própria prática, sujeito capaz de saber. Nossa prática pedagógica tem um compromisso muito maior, que se chama Pedagogia da Autonomia (2016), a qual deve estar centrada em experiências estimuladoras de decisão e responsabilidade.

O teu pensamento Freire, é fecundo para refletirmos sobre os processos educativos e num sentido mais amplo sobre a totalidade da vida em sociedade. Por meio da pedagogia freiriana é possível pensar e praticar uma educação que contemple formas alternativas de produzir e organizar socialmente a existência humana no mundo.

Escrevemos tomados de esperança de libertação das diferentes formas de opressão: econômica, política, cultural, religiosa, sexual, pedagógica etc. E na luta de recuperação da humanidade, de forma que nossa prática pedagógica faça da opressão e de suas causas o objeto da reflexão dos oprimidos, na tentativa de resultar em um engajamento necessário pela libertação contra a hegemonia dos poderes opressivos. Ou seja, que nossa intervenção prática no mundo seja uma ação coletiva, solidária, dialógica e problematizadora da realidade.

Compreendendo que a educação é um ato essencialmente político que marca posição no mundo ante realidade sócio-histórica já constituída, e, por isso, demanda novas ações de intervenções, rupturas e transformações sociais, o processo educacional é um elemento fundamental para a transformação da sociedade. O papel da educação é

de contribuir para que todos os envolvidos no processo educativo possam realizar o seu ser mais, na busca de humanizar o mundo com ética e responsabilidade com nossa prática docente e da ética universal de ser humano. Ou seja, preocupação ética com a defesa da vida humana digna para todos, denunciando e rejeitando sistemas políticos, econômicos e sociais que impõem a desumanização a milhões de seres humanos.

Na nossa vocação ontológica para o ser mais, tomamos consciência que somos seres incompletos e buscamos a humanização nos constituindo como seres sociais e, historicamente inseridos no mundo não como seres passivos, totalmente adequados ao mundo, mas como seres de escolhas e de decisões. Estamos no mundo para intervir e transformar, tomar decisões, romper e sonhar com um mundo diferente, mesmo diante de situações limites que desumanizam o mundo e atrofiam as pessoas. Mais do que nunca, precisamos de uma educação da esperança, fundada na ética e na solidariedade. (REGO, 2018).

Assim como você, Freire, queremos assumir posição comprometida com a realização de humanismo libertador dialógico e ético que somente poderá ser construído a partir de uma síntese integradora da multiplicidade dos povos em suas existencialidades concretas entre diferentes culturas e nacionalidades, histórias e formas de vida que existem em um mundo cada vez mais complexo. (REGO, 2018). Entendemos que sua proposta seja a alternativa para superação das práticas de dominação do homem pelo homem para a humanização do mundo.

Estamos vivendo mais um delicado tempo da história da humanidade. Em 2013, em meio às manifestações no Brasil protagonizadas por diferentes movimentos sociais, eclodiu também um conjunto de informações equivocadas que revelaram intolerância à proposta político-pedagógica de Freire. Em 2015, junto às manifestações contra a ex-presidente Dilma Rousseff, que pediam o impeachment da então presidente e intervenção militar, mais falas de infundadas críticas pediam um basta de Paulo Freire nas escolas, conforme demonstramos na figura 1.



Figura 1 - Manifestação contra o governo de Dilma Roussef, Brasília, 15 mar. 2015.

Fonte: Ação Educativa (2016).

Diante desses absurdos muitos professores repudiaram essas ações e manifestaram-se:

[...] por meio de cartas de protesto assinadas por diferentes Colegiados, Conselhos Universitários, e Entidades de Classe, endereçadas ao grande público. A Universidade Federal do Espírito Santo, a Universidade Federal de Pernambuco, a Universidade de São Paulo protestaram contra esse fato. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde Paulo Freire trabalhou, o Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, redigiu uma carta-aberta, amplamente divulgada na Internet, assinada por educadores de distintas regiões do país (CARTA..., [201-]). Esse manifesto teve uma adesão próxima de 1500 assinaturas, acrescida de comentários, do que se pode concluir o quanto é necessário MAIS PAULO FREIRE! (SAUL; SAUL, 2017, p. 2).

E é exatamente isso: precisamos de mais Paulo Freire. É real e urgente a necessidade de revisitarmos sua experiência, suas obras, ensinamentos e legados para o reinventarmos nas práticas pedagógicas formais, informais e não-formais na nossa atualidade.

Para além de uma representação gráfica de conceitos e de sua organização, aprendemos contigo que as tramas conceituais freirianas precisam de conexão com uma dada realidade que busca explicar e/ou inspirar ações de transformações dessa realidade, pois o ser humano é um ser inacabado e historicamente situado. É aqui que se encontra o

movimento de criar, recriar, decidir e romper que permite a integração e não a acomodação ao seu contexto. Consideramos que a partir da sua proposta pedagógica é possível compreender um fenômeno ou uma situação, propor ou avaliar políticas e práticas educativas.

Em relação ao ato de ensinar, fica cada vez mais evidente que o ensino não pode ser uma transferência mecânica de conhecimentos que você denominou de educação bancária. É fundamental que reconheçamos o educando como sujeito da produção de seu conhecimento e que, portanto, nossa tarefa de educadores e educadoras “não está em depositar no outro aquilo algo que é lhe é exterior, mas sim, em criar as possibilidades e condições para que o próprio sujeito possa produzir compreensões e ações transformadoras de si e da realidade, de forma crítica, criativa e coletiva”, conforme nos apontam Saul e Saul (2017, p. 8).

Os movimentos sociais-políticos-econômicos e os contextos histórico-sociais atuais nos levam a uma leitura da realidade e reflexão. Desde o início do ano de 2020, após ser detectado o surgimento de um novo vírus, o mundo precisou se mobilizar contra a doença que se espalhou rapidamente. Por mais que os cientistas do mundo todo estejam engajados e empenhados para entenderem mais sobre o novo Coronavírus, ainda não se tem um remédio que cure e as vacinas de imunização da população estão em fase lenta de aprovação e aplicação. Em meio a tantas incertezas em que o planeta já contabiliza milhares

de mortes, constatações indicam que o distanciamento social, o uso de máscaras de proteção e higiene são formas eficientes de evitar a proliferação e contágio com o vírus COVID-19.

Não é incomum ouvirmos, entre tantas especulações, que essa pandemia, a qual tem dizimado milhares de famílias, veio para mostrar que nessa condição o valor aquisitivo ou poder social do indivíduo não poderá salvá-lo. Para muitos, o novo coronavírus não tem idade, gênero, raça e condição social. Alguns ainda apelam para o sensacionalismo, alegando que as televisões têm dado devida importância a esse cenário, que tudo não passará de dias ruins e que em breve estaremos TODOS na ativa novamente. A pergunta que fica é: Quem exatamente são esses todos? As mães que perderam seus filhos e não conseguiram dar o último beijo de boa noite? Ou aos filhos que não puderem chorar dignamente a partida do próprio pai?

Além disso, sendo a pandemia uma maneira de “juntar” a população, tendo em vista que todos nesse cenário estão “no mesmo barco”, como explicar as inúmeras matérias que constantemente divulgam o crescimento de vítimas pelo Covid-19, oriundos de bairros mais pobres¹ e de famílias menos favorecidas² com maior vulnerabilidade?³ Se existe uma certeza em meio a isso tudo é a de que literalmente não estamos no mesmo barco, muitos sequer têm um colete salva-vidas ou mesmo um bote. Estamos na mesma tempestade, mas em barcos bem diferentes.

Estamos vivendo uma crise de saúde no mundo que abala os países desenvolvidos e mais ainda os subdesenvolvidos. Foi possível identificar o colapso da saúde nos diversos países do mundo que contabilizaram seus mortos. Os países que não aderiram às medidas de distanciamento social, por motivos, principalmente econômicos, apresentaram maior número de mortes sendo as principais vítimas pessoas mais idosas e/ou com comorbidades. Como se não bastasse, nos parece muitas vezes que as vítimas são apenas mais um número na estatística, que pouco toca aos que ignoram, negam a existência, gravidade e medidas de prevenção da doença. De um lado cientistas se unem para descobrir soluções para o problema, por outro, países disputam a hegemonia mundial.

Frente ao colapso da saúde pública, crises econômicas e desempregos, ainda vivenciamos uma situação igualmente crítica ao fato de representantes brasileiros agirem de forma negacionista frente ao problema do Coronavírus e os discursos dominantes que, por não raras vezes enganam a sociedade, partem de uma concepção equivocada de coletividade, ou ainda, “o discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente.” (FREIRE, 2016, p. 124).

Instaurou-se nesse cenário, uma crise política de disputa de interesses. E como você mesmo nos ensinou, (FREIRE, 2015, p. 11) “nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a educação como prática da liberdade postula, necessariamente, uma pedagogia do oprimido”. E diante disso, pensamos que hoje, nós, professores e professoras, pertencemos à classe menos favorecida, somos oprimidos e oprimidas diária e constantemente em nossa missão de ensinar. E o que nos move? Certamente a pedagogia da acolhida, em acolher o próximo em suas particularidades, a pedagogia do amor, de ensinar e ajudar o próximo e, sobretudo, a pedagogia da esperança e da gratidão, por ver que ainda podemos fazer a diferença em meio a tantas indiferenças e obscuridades.

O melhor de mim são os outros, disse certa vez Manoel de Barros e, usando dessa paráfrase, seu adorado amigo, Carlos Rodrigues Brandão (2017), acrescenta ainda que é com o outro, mais especificamente no círculo entre-nós que as palavras, imagens e as ideias devem ser ditas e escritas. Contudo, lamentavelmente percebemos que, por vezes, nem mesmo as situações mais adversas impulsionam o senso de solidariedade nos seres humanos e isso, meu amigo, dói. E muito.

Vivemos em tempos violentos, com agressões travestidas em suas mais diversas faces e, nesse sentido, entendemos que em qualquer situação em que alguns homens proibam os outros homens de serem sujeitos de sua busca instaura-se, inexoravelmente, uma situação de violência. (BEISIEGEL, 1974). E nessa luta inegotável de emancipação do sujeito, partimos da necessidade de

libertação das classes oprimidas, tendo em vista que “a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência”. (FREIRE, 2015, p. 4). Além disso, não podemos alimentar a ilusão de que o fato de saber ler e escrever, por si só, vá contribuir para alterar as condições de moradia, comida e mesmo de trabalho “[...] essas condições só vão ser alteradas pelas lutas coletivas dos trabalhadores e por mudanças estruturais da sociedade. (FREIRE, 1991, p. 70).

Considerações indicativas

Neste contexto que nos encontramos, entre tantas perguntas que corriqueiramente invadem nossa mente, podemos e devemos nos perguntar: Por que ler Paulo Freire? Ou ainda...O que aprender com Paulo Freire? A resposta não é tão simples quanto parece. Exige entrega, solidariedade e como seres humanos imperfeitos e inacabados, nem sempre estamos preparados e preparadas para tais ações.

Frente a movimentos que cada vez mais tentam nos desestabilizar enquanto educadores e educadoras, a exemplo do movimento Escola Sem Partido, que na verdade mascara ideologias severas e partidárias, que não condiz com a ideia de neutralidade que a atual proposta defende, partimos da necessidade de reinventar Paulo Freire em nossa prática pedagógica. Nesse sentido, Schram e Carvalho (2007, p. 07) entendem que

A sociedade é contraditória e, portanto apresenta nela própria, situações de opressão, reflexo de atos de injustiça marcado pelas desigualdades sociais, próprios da sociedade capitalista, já que existe aquele que oprime e aquele que é oprimido, gerando um contexto de violência. Violência que se percebe também no contexto escolar. Seja pelos conflitos da sociedade excludente, injusta e desigual, seja pelo discurso autoritário, ou mesmo pela permissividade. Nesse sentido, requer repensar a formação de homens capazes de transformar, onde o fazer torna-se ação e reflexão, práxis pedagógica, caracterizada pela ação transformadora do mundo. Buscando a libertação do homem, no contexto de reflexão, pela

compreensão de ser no mundo, com o mundo e para o mundo.

Com isso, também concebemos que “uma prática pedagógica, em seu sentido de práxis, configura-se sempre como uma ação consciente e participativa, que emerge da multidimensionalidade que cerca o ato educativo” (FRANCO, 2016, p. 536). Dito de outro modo, é por meio da interação entre todos os envolvidos no processo educativo, que o aprendizado ocorre em suas múltiplas formas, tendo em vista que este precede e transcende os espaços escolares.

Dessa forma, nos reconhecendo na nossa própria inconclusão e predispostos e predispostas às mudanças, bem como à aceitação do novo e do diferente, nos constituímos como seres sociais que se (re)constróem pela sua própria história. Além disso, quando voltamos nosso olhar para nós mesmos, de forma interna e profunda, nos questionamos: Que marca queremos deixar no mundo? Ou ainda, que memórias queremos reviver na mente, como educadores e educadoras de nossos educandos e educandas?

No sentido de entender e aceitar o outro em suas particularidades, é necessário compreender que o educador e a educadora são seres de almas, de afeto, de diálogo e, com isso, minimizar o tratamento disciplinar da educação e adotar um enfoque holístico, de forma que nossa prática possa ajudar a construir uma humanidade ancorada no respeito, solidariedade e cooperação. Concordamos contigo amigo Freire, que não é possível separar o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos, no entanto, como a educação é uma forma de intervenção no mundo e a cidadania se constrói com luta política, a educação deve ser acima de tudo um ato político de forma a transformar as pessoas e o mundo. E para tal, é necessário romper com a prática educativa conteudista, bancária e vivenciar uma educação que emancipa, liberta e empodera sujeitos.

A reflexão é a antecipação da ação transformadora, ato que projeta a possibilidade da concretude da mudança das pessoas e do mundo. Tal reflexão acontece por meio da pesquisa para procurar as explicações, os porquês e respostas, sendo assim, pensamos que estamos no caminho ou em busca dele. Além disso, seguimos com muita alegria e

esperança numa educação que possa transformar e libertar, com o coração cheio de gratidão, amorosidade, respeito, tolerância e disponibilidade à mudança. Assim, usamos de suas palavras para nos afirmarmos enquanto homens e mulheres que gostam de ser e de se fazer gente, pois

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade. (FREIRE, 2016, p. 52).

Dessa forma, cientes que nossa prática exige definição, posição, ruptura, coerência e que a prática pedagógica não se faz apenas com ciência e técnica, percebemos o quão necessário se faz um processo de ressignificação da prática pedagógica, no sentido de pensar que não existe uma filosofia exclusivamente precisa, mas que o conhecimento acontece por meio do diálogo e da construção de saberes e que com isso, a sociedade começará perceber o quanto a estagnação é letal para o desenvolvimento humano e, talvez, seja por meio desse processo de libertação que, utopicamente, não haverá mais classe opressora e nem oprimidos, apenas indivíduos que trabalham para o crescimento coletivo.

Então, caro amigo Freire, encerramos essa carta com o sentimento que nos une e que também nos move, o ato de esperar e, para compor da forma mais sublime possível o afeto que redigimos nestas palavras, dedicamos e compartilhamos contigo um de nossos poemas prediletos. Afinal, não é isso que bons amigos fazem? Compartilhar? Pois bem, fazemos isso da maneira que julgamos ser a mais singela.

Queremos deixar registrado que o motivo desse poema parte da ideia de que as coisas simples às vezes são as mais verdadeiras e carregam consigo um significado que nem sempre somos capazes de descrever. Hoje, vivemos de incertezas, de momentos em que nossas vozes são silenciadas, o grito de dor nem sempre é ouvido, é minimizado pelo barulho de aviões, carros e nos dias que seguem, de aparelhos respiratórios. Em determinado momento de tempo e espaço, todos teremos nossas vozes silenciadas, com isso, urge a necessidade de agora sermos ouvidos e ouvidas, de nos sentirmos importantes, tanto quanto o som dos pássaros e mesmo do vento. Devemos nos apegar aquilo que muitos chamam de desperdícios ou perda de tempo, para que na tentativa de procurar sempre o melhor da vida não acabemos por perdê-la.

O apanhador de desperdícios

Manoel de Barros (2015)

Uso a palavra para compor meus silêncios
Não gosto das palavras
fatigadas de informar
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Com cordial afeto e coração sincero de seus admiradores.

Notas

1 SP: Proporção de mortes por covid é 60% maior em bairro pobre que em rico. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/26/bairro-pobres-de-sp-tem-60-mais-mortes-por-covid-19-que-bairros-ricos.htm>.

2 Estudo mostra que 66% de mortos por Covid-19 na Grande SP ganhavam menos de 3 salários mínimos. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/16/estudo-mostra-que-66percent-de-mortos-por-covid-19-na-grande-sp-ganhavam-menos-de-3-salarios-minimos.ghtml>.

3 COVID: Pesquisas dizem que vulnerabilidade econômica aumenta risco de morte. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/07/05/interna-brasil,869462/covid-pesquisas-dizem-que-vulnerabilidade-economica-aumenta-risco-de-shtml>.

Referências

AÇÃO EDUCATIVA (Org.). **A ideologia do movimento escola sem partido**: 20 autores desmontam o discurso. São Paulo: Ação Educativa, 2016.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **El Método Paulo Freire para la Alfabetización, de Adultos**. Cuadernos del CREFAL n. 3., México, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. Cultura Popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 89-106, jul/set. 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Educação como cultura: memórias dos anos sessenta. **Revista**

Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 23, n. 49, p. 377-407, set/dez. 2017.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Estado e educação popular**: um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo: Pioneira, 1974.

DICKMANN, Ivo. DICKMANN, Ivanio. Didática Freiriana: reinventando Paulo Freire. **Revista Educere Et Educare**, v. 13, v. 28, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/18076>. Acesso em: 10 nov. 2020.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812016000300534&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 59ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 53 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GADOTTI, Moacir. Lições de Freire. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, Brasil, v. 23 n. 1-2./Dez. 1997. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100002. Acesso em: 07 dez. 2020.

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 4 ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

MENEZES, Maria Gabriela; SANTIAGO, Maria Eliete. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Revista Pro-Posições**, v. 25, n. 3. p. 45-62, set/dez. 2014. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072014000300003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 03 dez. 2020.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati; CARVALHO, Elvio de; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho. A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. **Observatório Socioeconômico da COVID-19 (OSE)**, 2020.

RIBEIRO, Débora.; MELO, Alessandro. Reflexões decoloniais sobre conhecimento e educação a partir do diálogo em Paulo Freire. **Diálogos Latinoamericanos**, v. 20, n. 28, p. 41-52, 2019. Disponível em:
<https://tidsskrift.dk/dialogos/article/view/115941>. Acesso em: 27 set. 2020.

REGO, Teresa Cristina (Org.). **Paulo Freire - 4: a educação como ato político: a luta por uma ação educativa crítica, progressista e transformadora**. Áudio livros: Saraiva, 2018.

SAUL, Ana Maria; SAUL, Alexandre. O saber/fazer docente no contexto do pensamento de paulo freire: contribuições para a Didática. **Caderno de Pesquisa**, São Luís, v. 24, n. 1, jan./abr. 2017.

SCHRAM, Sandra Cristina; CARVALHO, Marco Antonio Batista. **O pensar Educação em Paulo**

Freire: para uma pedagogia de mudanças, 2007. Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2>. Acesso em: 05 ago. 2020.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina S/A, 2020.